

ANTO LOGIA DE AUTO RES DA CPLP

MAIO 2014

Coordenação do Ensino
Português no Reino Unido
e Ilhas do Canal
Ministério dos Negócios Estrangeiros

 **CAMÕES**
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGUESA
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

No terceiro ano de comemoração do Dia da Língua e da Cultura Portuguesas, oferecemos o terceiro volume da Antologia de Autores da CPLP.

Os textos aqui apresentados são os lidos pelos alunos da rede de ensino Português no Reino Unido e Ilhas do Canal, pela celebração do dia 5 de maio, em Londres. São poemas de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, S. Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Com este evento, festejamos anualmente a diversidade vividas nas nossas aulas de Português, contentes por participarmos nesta sociedade multicultural que é a britânica. Com as famílias e a comunidade, juntamo-nos para ouvir ler poesia e para ouvir música, um presente das nossas crianças e jovens neste dia de festa.

Juntos somos muitos, orgulhosos que somos de falarmos uma língua viajada e vivida em todo o mundo.

Londres, 5 de maio de 2014

Regina dos Santos Duarte

Coordenadora do Ensino Português no Reino Unido e Ilhas do Canal

Instituto Camões – Embaixada de Portugal em Londres



ÍNDICE

I - POESIA

Angola

Naufração, Lília da Fonseca
O Kwanza, Manuel dos Santos Lima
Luanda da minha infância, Geraldo Bessa
Victor
Terceira gota, Costa Andrade
O livro, Rosa Clement

Brasil

Canção do Exílio, Gonçalves Dias
Olhares, Clarice Pacheco
Encomenda, Cecília Meireles
O último andar, Cecília Meireles
A estrela polar, Vinicius de Moraes
O elefantinho, Vinicius de Moraes
Um caldeirão de moedas?, Martha Medeiros
Leilão de jardim, Cecília Meireles
O leão, Vinicius de Moraes
O pinguim, Vinicius de Moraes
Sonhos da menina, Cecília Meireles
Passarinho no sapé, Cecília Meireles
Viajar pela leitura, Clarice Pacheco
Meus brinquedos, Clarice Pacheco

Cabo Verde

Partindo, Eugénio Tavares

Guiné Bissau

Canção de criança, Pascoal D'Artagnan
Aurigemina
O eco do pranto, Agnello Regalla

Moçambique

Domingo, Nuno Bermudes
Fusão das liturgias, António Silva Graça
Poema da despedida, Mia Couto

Portugal

Os números do menino guloso, Luísa Ducla Soares
Tudo ao contrário, Luísa Ducla Soares
Explicação da Eternidade, José Luís Peixoto
Humildade, Francisco Bugalho
Um, dois, três..., Fernando Pessoa
Aldeia, Manuel da Fonseca
Nós somos do país do sim, Maria Judite Carvalho
Sísifo, Miguel Torga
O ponteiro dos segundos, Fernando Pessoa
O mais importante na vida, António Botto
Barca Bela, Almeida Garrett
Obrigado, Tiago Freitas
Somos livres, Ermelinda Duarte

Timor Leste

Avô Crocodilo, Xanana Gusmão
Infância, Fernando Sylvan
Pátria, Xanana Gusmão

São Tomé e Príncipe

Poema de Natal, Olinda Beja
Sòcòpé, Maria Manuela Margarido

II - MÚSICA

Ensemble da Luso Academy





ANGOLA

Naufrágio

Formiguinha preta, preta
Na folhinha verde, verde

A folhinha rio abaixo
lembra um barco a navegar;

Veio o vento e deu na folha
logo a folha se voltou;

Tua folha, formiguinha,
como um barco naufragou.

Lília da Fonseca

ANGOLA

O Kwanza

O Kwanza é um rio bonito
que corre aflito
para Luanda, a catita.
Por onde passa recita
um rosário de gritos.

O Kwanza é caseiro
e às vezes molengão;
é um rio de papel
que escorre de mão em mão num tropel
o ano inteiro
a fingir que é dinheiro.

Manuel dos Santos Lima

ANGOLA

Luanda da minha infância

Onde estão os tesouros da minha
infância?
Ó vós, construtores da grande
cidade,
Que fizestes das riquezas
Do meu sagrado mundo de criança?

Onde estão o arco e o freio,
Com quem percorria as ruas
Sem sofisma nem recreio?
(exímio condutor de veículo,
Virgem de acidentes de viação.)
Numa manhã, o ferro-velho veio,
Matulão, o terror dos
monandengues,
E roubou-me o arco e freio.

Minha bola de meia, que joguei nos
muceques,
Driblando os meus adversários,
Metendo golos célebres e vários na
baliza do João Cambuta...
Quem era seu trapeiro que, certo
dia, à bruta,
Pegou na bola – minha relíquia –
E a desfez entre os trapos da suia
negociata?

(perante a ambição dos grandes,
Todo o sonho infantil se
desbarata...)

E o meu papagaio verde,
o avião onde voei sem medo,
com os pés bem presos ao solo
e o espírito vogando pelos espaços,
- quem foi que desprendeu dos meus
confiantes dedos
E o rasgou em pedaços?

Que saudades da minha Luanda de
criança!
Vejo-me agora estranho
Nesta cidade nova em que me movo,
Onde a alma não sente nada o que a
vista alcança.
Quem foi que destruiu e apagou
Das raízes da terra, da memória do
povo,
A Luanda da minha infância?

Geraldo Bessa Victor

ANGOLA

Terceira gota

Oh meu país de areias brancas,
meu país de mar
meu país de povo
eu quero ser espuma
menino de sonho alado
na roda das casuarinas

meu país de nuvens brancas no azul
meu país de sol
meu país de povo
eu quero ser de pedra
firme no gesto aberto
da conquista de horizontes

meu país tão novo
areias novas na praia
nuvem clara no azul
meu país de povo
algodoais que sangravam
povo antigo e sempre novo

menino a vogar que sou
vida que à vida se dá
só não consigo entender
porquê que só as areias
porquê que só as nuvens

porquê que os algodoais?
sendo brancos são tão nossos?

Porquê, oh meu país,
que um qualquer lugar comum
recusa ao meu irmão
filho da minha mãe
que seja do meu país
a sua brancura pequena?

Costa Andrade

ANGOLA

O livro

Eu sou um livro,
sou importante.
Tenho um trabalho
emocionante

É com palavras
que me sustento
e nelas levo
conhecimento.

Se alguém procura
o que fazer,
sou opção
de bom lazer.

Eu posso ser
muito engraçado,
deixar você
bem humorado.

Eu posso ser
seu professor
e lhe ensinar
com todo amor.

Eu posso ainda
ser seu amigo,
levar você
sempre comigo.

Eu só não posso
fazer careta
se me abandonam
numa gaveta.

Rosa Clement



BRASIL

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Gonçalves Dias



BRASIL

Olhares

Quantas coisas cabem em um olhar?

É tão expressivo,

é como falar.

Um olhar triste

de sobrancelhas caídas

é como dizer que está chateado.

Um olhar alegre,

de sobrancelhas em pé,

diz que você está animado.

Quantas coisas não seriam bem ditas

sem o olhar

e a magia que nele habita?

Um olhar sério,

de pálpebras caídas,

é como se dissesse que está

entediado.

Um olhar arregalado,

de sobrancelhas contraídas,

indica que você está aterrorizado.

Quantas coisas deixaram de ser

faladas

por falta de um bom olhar

que desse ênfase às palavras?

Um olhar distraído e profundo,

de olhos parados,

é o suficiente para expressar

que se está apaixonado.

Um olhar expressivo,

de sobrancelhas curvas,

diz que algo não é de seu agrado.

Olhares, olhares, olhares,

são céus, são universos,

são terras e são mares.

Clarice Pacheco



BRASIL

Encomenda

Desejo uma fotografia
como esta – o senhor vê? – como esta:
em que para sempre me ria
com um vestido de eterna festa.

Como tenho a testa sombria,
derrame luz na minha testa.
Deixe esta ruga, que me empresta
um certo ar de sabedoria.

Não meta fundos de floresta
nem de arbitrária fantasia...
Não... Neste espaço que ainda resta,
ponha uma cadeira vazia.

Cecília Meireles

BRASIL

O último andar

No último andar é mais bonito:
do último andar se vê o mar.
É lá que eu quero morar.

O último andar é mais longe:
custa muito a lá chegar.
Mas é lá que eu quero morar.

Todo o céu fica a noite inteira
sobre o último andar.
É lá que eu quero morar.

Quando faz lua, no terraço
fica tudo luar.
É lá que eu quero morar.

Os passarinhos lá se escondem,
para ninguém os maltratar,
no último andar.

De lá se avista o Mundo inteiro,
tudo parece perto, no ar.
É lá que eu quero morar:
no último andar.

Cecília Meireles

BRASIL

A estrela polar

Eu vi a estrela polar
Chorando em cima do mar
Eu vi a estrela polar
Nas costas de Portugal!

Desde então não seja Vênus
A mais pura das estrelas
A estrela polar não brilha
Se humilha no firmamento.

Parece uma criancinha
Enjeitada pelo frio
Estrelinha franciscana
Teresinha, Mariana
Perdida no Polo Norte
De toda a tristeza humana.

Vinicius de Moraes

BRASIL

O elefantinho

Onde vais, elefantinho

Correndo pelo caminho

Assim tão desconsolado?

Andas perdido, bichinho

Espetaste o pé no espinho

Que sentes, pobre coitado?

- Estou com um medo danado

Encontrei um passarinho!

Vinicius de Moraes

BRASIL

Um caldeirão de moedas?

Um caldeirão de moedas?

Um pote de ouro?

A arca do tesouro?

Dizem,

mas para mim,

no fim do arco-íris,

tem uma imensa

caixa de lápis

de cor!

Martha Medeiros

BRASIL

O gato da China

Era uma vez
um gato chinês

que morava em Xangai
sem mãe e sem pai,

que sorria amarelo
para o Rio Amarelo,

com seu olhos puxados,
um pra cada lado.

Era um gato mais preto
que tinha nanquim,

de bigodes compridos
feito mandarim,

que quando espirrava
só fazia "chin!"

Era um gato esquisito:
comia com palitos

e quando tinha fome
miava "ming-au!"

mas lambia o mingau
com sua língua de pau.

Não era um bicho mau
esse gato chinês,

era até legal.

Quer que eu conte outra vez?

José Paulo Paes

BRASIL

Leilão de jardim

Quem me compra um jardim
com flores?

borboletas de muitas cores,

lavadeiras e passarinhos,

ovos verdes e azuis

nos ninhos?

Quem me compra este caracol?

Quem me compra um raio de sol?

Um lagarto entre o muro e a hera,

uma estátua da Primavera?

Quem me compra este formigueiro?

E este sapo, que é jardineiro?

E a cigarra e a sua canção?

E o grilinho dentro do chão?

(Este é meu leilão!)

Cecília Meireles

BRASIL

O leão

Leão! Leão! Leão!

Rugindo como um trovão

Deu um pulo, e era uma vez

Um cabritinho montês.

Leão! Leão! Leão!

És o rei da criação!

Tua goela é uma fornalha

Teu salto, uma labareda

Tua garra, uma navalha

Cortando a presa na queda.

Leão longe, leão perto

Nas areias do deserto.

Leão alto, sobranceiro

Junto do despenhadeiro.

Leão na caça diurna

Saindo a correr da furna.

Leão! Leão! Leão!

Foi Deus que te fez ou não?

O salto do tigre é rápido

Como o raio; mas não há

Tigre no mundo que escape

Do salto que o Leão dá.

Não conheço quem defronte

O feroz rinoceronte.

Pois bem, se ele vê o Leão

Foge como um furacão.

Leão se esgueirando, à espera

Da passagem de outra fera . . .

Vem o tigre; como um dardo

Cai-lhe em cima o leopardo

E enquanto brigam, tranquilo

O leão fica olhando aquilo.

Quando se cansam, o Leão

Mata um com cada mão.

Leão! Leão! Leão!

És o rei da criação!

Vinicius de Moraes

BRASIL

O pinguim

Bom-dia, Pinguim
Onde vai assim
Com ar apressado?
Eu não sou malvado
Não fique assustado
Com medo de mim.
Eu só gostaria
De dar um tapinha
No seu chapéu de jaca
Ou bem de levinho
Puxar o rabinho
Da sua casaca

Vinicius de Moraes

BRASIL

Sonhos da menina

A flor com que a menina sonha

está no sonho?

ou na fronha?

Sonho

risonho:

O vento sozinho

no seu carrinho.

De que tamanho

seria o rebanho?

A vizinha

apanha

a sombrinha

de teia de aranha . . .

Na lua há um ninho

de passarinho.

A lua com que a menina sonha

é o linho do sonho

ou a lua da fronha?

Cecília Meireles

BRASIL

Passarinho no sapé

P tem papo
o P tem pé.
É o P que pia?
(Piu!)
Quem é?
O P não pia:
O P não é.
O P só tem papo e pé.
Será o sapo?
O sapo não é.
(Piu!)
É o passarinho
que fez seu ninho
no sapé.
Pio com papo.
Pio com pé.
Piu-piu-piu:
Passarinho.
Passarinho
no sapé.

Cecília Meireles

BRASIL

Viajar pela leitura

Viajar pela leitura

sem rumo, sem intenção.

Só para viver a aventura

que é ter um livro nas mãos.

É uma pena que só saiba disso

quem gosta de ler.

Experimente!

Assim, sem compromisso,

você vai me entender.

Mergulhe de cabeça

na imaginação!

Clarice Pacheco

BRASIL

Meus brinquedos

De repente,
Ao lembrar dos brinquedos queridos,
Que ficaram esquecidos
Dentro do armário.
Me bate uma saudade,
Me bate uma vontade,
De voltar no tempo,
De voltar ao passado.
Mas nada acontece,
Nada parece acontecer,
E eu choro,
Choro como o bebê que fui,
E a criança, que quero voltar a ser.
Não quero crescer!

Clarice Pacheco



CABO VERDE

Partindo

Triste, por te deixar, de manhãzinha
Desci ao porto. E logo, asas ao vento,
Fomos singrando, sob um céu cinzento,
Como, num ar de chuva, uma andorinha.

Olhos na Ilha eu vi, amiga minha,
A pouco e pouco, num decrescimento,
Fugir o Lar, perder-se num momento
A montanha em que o nosso amor se aninha.

Nada pergunto; nem quero saber
Aonde vou: se voltarei sequer;
Quanto, em ventura ou lágrimas, me espera

Apenas sei, ó minha Primavera,
Que tu me ficas lagrimosa e triste.
E que sem ti a Luz já não existe.

Eugénio Tavares

GUINÉ BISSAU

Canção de criança

Vento forte
vento norte
lá vem a criança
na sua esp'rança.
Vento forte
vento norte
lá vem a criança
na sua pujança.
Da tabanca erguida
toda ela de vida
lá vem a criança
na sua embalança.
Lá vem a criança
na sua bonança
lá vem lá vem
saudar alguém.
Lá vem a criança
na sua esp'rança
lá vem a criança
na sua pujança.
Lá vem a criança
na sua bonança
lá vem lá vem
beijar a mãe.

GUINÉ BISSAU

O eco do pranto

Não me digas

Que essa é a voz de uma criança

Não...

A voz da criança

É suave e mansa

É uma voz que dança...

Não me digas

Que essa é a voz de uma criança

Parece mais

Um grito sem esperança

Um eco

Partindo de fundo de um beco

Não me digas

Que essa é a voz de uma criança,

Essa é doce e mansa

É uma voz que dança...

Esta parece mais

Um grito sufocado sob um manto

- O Eco do Pranto.

Agnello Regalla



MOÇAMBIQUE

Domingo

Em cada praça um aceno,
Em cada rua um sorriso,
Em cada esquina uma esperança
O Pungué lembra-me o Reno,
Europeu é o chão que piso,
Caminho como quem dança,
Amo a vida porque sim.

Mas nem todos os domingos
São assim.

Nuno Bermudes

MOÇAMBIQUE

Fusão das liturgias

Fusão física de cores
que recolho em fios de luz.
Luz suspensa na noite,
instante caído de uma pétala.

Leio as nuvens e reparo
que o léxico celeste confere
uma vontade sólida.

Na solidez deste dia
vou separando as águas da minha mitologia
das outras que retornam, serenas.
As horas são agora
modelos equilibrados
da organização do tempo.

E os dias,
revoltas de uma qualidade sóbria.
A luz deixou de ser de bronze
para ser um fio dolente
iluminando com minúcia cada hora.

No cadinho liso do silêncio
fundo liturgias.

António Silva Graça



MOÇAMBIQUE

Poema da despedida

Não saberei nunca
dizer adeus

Afinal,
só os mortos sabem morrer

Resta ainda tudo,
só nós não podemos ser

Talvez o amor,
neste tempo,
seja ainda cedo

Não é este sossego
que eu queria,
este exílio de tudo,
esta solidão de todos

Agora
não resta de mim
o que seja meu
e quando tento
o magro invento de um sonho
todo o inferno me vem à boca

Nenhuma palavra
alcança o mundo, eu sei
Ainda assim,
escrevo.

Mia Couto

PORTUGAL

Os números do menino guloso

Dá-me bolinhos
mas não só um.
Desde o almoço
faço jejum.

todos maiores
que bolos reis.

Dá-me bolinhos
mas não só dois.
Como um agora
outro depois.

Luísa Ducla Soares

Dá-me bolinhos
mas não só três,
que os vou papar
duma só vez.

Dá-me bolinhos
mas não só quatro,
para os provar
logo no quarto.

Dá-me bolinhos
mas não só cinco.
Com tanta fome
eu bem os trinco.

Dá-me bolinhos
mas não só seis,



PORTUGAL

Tudo ao contrário

O menino do contra
queria tudo ao contrário:
deitava os fatos na cama
e dormia no armário.

Das cascas dos ovos
fazia uma omelete;
para tomar banho
usava a retrete.

Andava, corria
de pernas para o ar;
se estava contente
punha-se a chorar.

Molhava-se ao sol,
secava na chuva
e em cada pé
usava uma luva.

Escrevia no lápis
com um papel;
achava salgado
o sabor do mel.

No dia dos anos
teve dois presentes:
um pente com velas
e um bolo com dentes.

Luísa Ducla Soares



PORTUGAL

Explicação da Eternidade

Devagar, o tempo transforma tudo em tempo,
o ódio transforma-se em tempo, o amor
transforma-se em tempo, a dor transforma-se
em tempo.

Os assuntos que julgámos mais profundos,
mais impossíveis, mais permanentes e imutáveis,
transformam-se devagar em tempo.

Por si só, o tempo não é nada.
A idade de nada é nada.
A eternidade não existe.
No entanto, a eternidade existe.

Os instantes dos teus olhos parados sobre mim eram eternos.
Os instantes do teu sorriso eram eternos.
Os instantes do teu corpo de luz eram eternos.

Foste eterna até ao fim.

José Luís Peixoto



PORTUGAL

Humildade

As águas beijei,
As nuvens olhei,
As árvores cantei,
Na sua beleza.

Os bichos amei,
Na sua bruteza,
Na sua pureza,
De forças sem lei.

E porque os amei
E os acompanhei,
Não me senti Rei
Na Mãe-Natureza.

Francisco Bugalho



PORTUGAL

Um, dois, três...

Um, dois, três...

Pé ante pé...

O que é?

Há só luar

Arvoredo

Um homem a medo

Um dois três

A passar.

Um, dois, três

Outra vez

Pé ante pé

Vai, vêm, vão...

Não virei, por causa do mês,

Apesar de tudo sou marquês...

Um, dois, três

Quem é?

Quem são?

Fernando Pessoa



PORTUGAL

Aldeia

Nove casas,
duas ruas,
ao meio das ruas
um largo,
ao meio do largo
um poço de água fria.

Tudo isto tão parado
e o céu tão baixo
que quando alguém grita para longe
um nome familiar
se assustam pombos bravos
e acordam ecos no descampado.

Manuel dos Santos Lima



PORTUGAL

Nós somos do país do sim

Somos do país do sim
o da tristeza em azul,
tudo o que existe é assim
neste sul.

Mostramos o sol e o mar
E vendemo-lo a quem tem,
Para podermos aguentar
O que vem.

Ah, país do fato preto,
Meu país engravatado
Do grande amor em soneto
Da grande desgraça em fado.

Maria Judite Carvalho



PORTUGAL

Sísifo

Recomeça...

Se puderes,

Sem angústia e sem pressa.

E os passos que deres,

Nesse caminho duro

Do futuro,

Dá-os em liberdade.

Enquanto não alcances

Não descanses.

De nenhum fruto queiras só metade.

E, nunca saciado,

Vai colhendo

Ilusões sucessivas no pomar

E vendo

Acordado,

O logro da aventura.

És homem, não te esqueças!

Só é tua a loucura

Onde, com lucidez, te reconheças.

Miguel Torga



PORTUGAL

O ponteiro dos segundos

O ponteiro dos segundos

É o exterior do meu coração.

Conta a minutos os mundos,

Que os mundos são sensação.

Vejo, como quem não vê

Seu curso em círculo dar

Um sentido aqui ao pé

Do universo todo no ar.

Fernando Pessoa



PORTUGAL

O mais importante na vida

O mais importante na vida
É ser-se criador – criar beleza.

Para isso,
É necessário pressenti-la
Aonde os nossos olhos não a virem.

Eu creio que sonhar o impossível
É como que ouvir a voz de alguma coisa
Que pede existência e que nos chama de longe.

Sim, o mais importante na vida
É ser-se criador.
E para o impossível
Só devemos caminhar de olhos fechados
Como a fé e como o amor.

António Botto

PORTUGAL

Barca Bela

Pescador da barca bela,
Onde vais pescar com ela,
Que é tão bela,
Oh pescador?

Não vês que a última estrela
No céu nublado se vela?
Colhe a vela,
Oh pescador!

Deita o lanço com cautela,
Que a sereia canta bela...
Mas cautela,
Oh pescador!

Não se enrede a rede nela,
Que perdido é remo e vela
Só de vê-la
Oh pescador.

Pescador da barca bela,
Inda é tempo, foge dela
Foge dela
Oh pescador!

PORTUGAL

Obrigado

Olá a todos!

Este é o meu poema sobre as aulas de português.

Estou a fazer o que a minha mãe já fez!

Há anos atrás a escola portuguesa era diferente.

Não havia tantas condições

Mas agora estou contente.

Eu falo português com muito orgulho, e quando vou para a aula não há barulho.

A minha professora ensina-me muito bem

Mas também gosto das lições da minha mãe !

Eu gosto muito de brincar, mas quando estou na sala tenho de me calar.

No meu colégio

Todos nós gostamos das nossas lições.

Temos muito a agradecer

Aos professores do Instituto Camões.

Muito obrigado.

Tiago Freitas

PORTUGAL

Somos livres (uma gaivota voava)

Ontem apenas
fomos a voz sufocada
dum povo a dizer não quero;
fomos os bobos-do-rei
mastigando desespero.

Ontem apenas
fomos o povo a chorar
na sarjeta dos que, à força,
ultrajaram e venderam
esta terra, hoje nossa.

Uma gaivota voava, voava,
asas de vento,
coração de mar.

Como ela, somos livres,
somos livres de voar.

Uma papoila crescia, crescia,
grito vermelho
num campo qualquer.

Como ela somos livres,
somos livres de crescer.

Uma criança dizia, dizia
"quando for grande
não vou combater".

Como ela, somos livres,
somos livres de dizer.

Somos um povo que cerra fileiras,
parte à conquista
do pão e da paz.

Somos livres, somos livres,
não voltaremos atrás.

Ermelinda Duarte



TIMOR LESTE

Avô Crocodilo

Diz a lenda
e eu acredito!

O sol na pontinha do mar
abriu os olhos
e espraçou os seus raios
e traçou uma rota

Do fundo do mar
um crocodilo pensou buscar o seu destino
e veio por aquele rasgo de luz

Cansado, deixou-se estirar no tempo
e suas crostas se transformaram
em cadeias de montanhas
onde as pessoas nasceram
e onde as pessoas morreram

Avô crocodilo

- diz a lenda
- e eu acredito!
- é Timor!

TIMOR LESTE

Infância

as crianças brincam na praia dos seus pensamentos
e banham-se no mar dos seus longos sonhos

a praia e o mar das crianças não têm fronteiras
e por isso todas as praias são iluminadas
e todos os mares têm manchas verdes

mas muitas vezes as crianças crescem
sem voltar à praia e sem voltar ao mar

Fernando Sylvan

TIMOR LESTE

Pátria

Pátria é, pois, o sol que deu o ser
Drama, poema, tempo e o espaço,
Das gerações, que passam, forte laço
E as verdades que estamos a viver.
Pátria... é sepultura... é sofrer
De quem marca, co'a vida, um novo passo.
Ao povo — uma Pátria— é, num traço
simples... Independência até morrer!
Do trabalho o berço, paz, tormento,
Pátria é a vida, orgulho, a aliança
Da alegria, do amor, do sentimento.
Pátria... é tradições, passado e herança!
O som da bala é... Pátria, de momento!
Pátria... é do futuro a esperança!

Xanana Gusmão

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Poema de Natal

Apenas um sorriso
Aberto à flor do rosto
Abelha mãe em favos de doçura
E será Natal no mês de agosto
Ou em julho
Ou em maio
Ou em janeiro
Desde que sonhes com ternura
Desde que ames
Que vivas
Que sorrias
Desde que te entregues aos outros
Por inteiro
Será Natal TODOS OS DIAS!

Olinda Beja

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Sòcòpé

Os verdes longos da minha ilha
são agora a sombra de ocá,
névoa da vida,
nos dorsos dobrados sob a carga
(copra, café ou cacau - tanto faz).

Ouçõ os passos no ritmo
calculado do sòcòpé,
os pés-raízes-da-terra
enquanto a voz do coro
insiste na sua queixa
(queixa ou protesto - tanto faz).

Monótona se arrasta
até explodir
na alta ânsia da liberdade.

Copra- polpa seca do coco
Socope- dança “só com o pé”

Maria Manuela Margarido

II - MÚSICA pelo ensemble da LUSO ACADEMY

Repertório musical

- Todas as ruas do amor – Flor de Lis
- Anda comigo ver os aviões – Os Azeitonas
- Boa Sorte – Vanessa da Mata & Ben Harper
 - Anel de rubi – Rui Veloso
- Homem do Leme – Xutos & Pontapés

Alunos

- Ayani Fernandes – Violino
- Diana Peixoto – Violino
- Cláudia Dias – Violino
- Júlia Coelho – Violino
- Lara Fernandes – Violino
- Alice Gonçalves – Piano
- Carina Barroso – Piano
- Carolina Peixoto – Piano
- Maria José Marques – Piano
- Joana Dourado – Guitarra
- Carolina Costa – Guitarra
- Izabelle da Silva – Guitarra
- Dylan Cabral – Guitarra
- Sofia Ferreira – Guitarra
- Pedro Miguel – Guitarra
- Luís Coelho – Guitarra
- Ana Carolina Ferreira – Guitarra
- Joana Ferreira – Guitarra
- Tatiana Filipe – Guitarra
- Rooney Ortega – Guitarra
- Filipe Gonçalves – Guitarra

FICHA TÉCNICA

Coordenação: Regina dos Santos Duarte

Compilação dos textos: Márcia Fortuna

Colaboração: Adriana Acúrcio, Ana Aires, Ana Figueiredo, Ana Fonseca, Ana Rocha, Carlos Xastre, Graça Teixeira, Helena Ferreira, José Gomes, Susana Rente, Vanda Araújo

Música: Luso Academy

Design: Nuno Silva

Coordenação do Ensino
Português no Reino Unido
e Ilhas do Canal
Ministério dos Negócios Estrangeiros

 **CAMÕES**
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS